

3

*Discurso no almoço com empresários
brasileiros e canadenses oferecido pelo
Governador-Geral do Canadá, Roméo Leblanc*

WORLD TRADE CENTER, HOTEL MELIÁ, SÃO PAULO, SP,

16 DE JANEIRO DE 1998

Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro do Canadá; e me permita dirigir-me informalmente ao meu amigo Jean Chrétien; Senhor Governador do Estado de São Paulo, meu companheiro e amigo Mário Covas; Senhores Governadores das províncias e territórios do Canadá; Senhor Ministro da Indústria, do Comércio e do Turismo, Doutor Francisco Dornelles; Senhores Ministros de Estado canadenses; Senhor Prefeito Celso Pitta; Senhor Presidente da Câmara de Comércio Brasil-Canadá; Senhores Empresários brasileiros e canadenses; Senhoras e Senhores,

Que as minhas primeiras palavras sejam de profundo agradecimento ao Primeiro-Ministro Jean Chrétien, pelo esforço que fez em estar presente entre nós, num momento em que o Canadá enfrenta dificuldades climáticas, que atingem, duramente, parcelas consideráveis de sua população. Aproveito para externar a solidariedade do povo brasileiro ao povo canadense, neste momento. Mas quero deixar marcada, aqui, a nossa alegria pela presença do Primeiro-Ministro Jean Chrétien, chefiando esta delegação, que nos enche de satisfação também. Raras vezes vi uma delegação

tão numerosa. E, mais ainda, não apenas numerosa, mas tão significativa, porque composta por governadores das províncias.

Ontem, tivemos uma reunião muito interessante em Brasília com os governadores dos estados brasileiros e das províncias canadenses. Reunião que mostrou que já existe um entrelaçamento forte entre o Brasil e o Canadá, porque vários governadores, dos dois países, conheciam os países reciprocamente, conheciam as empresas que operam nos países e estavam interessados na continuidade desse processo.

Mas, continuando o que dizia, a satisfação com a delegação é tão grande e também expressiva, pelo fato de não ser formada apenas pelos governadores, mas por muitos empresários, e não só os grandes. Acredito que esse fato de que os empresários não são apenas empresários das grandes empresas, mas das pequenas e médias empresas é também muito importante. De modo que, realmente, é para nós todos uma grande alegria. Sei que o Governador de São Paulo já os recebeu ontem e expressou a alegria de São Paulo, que é a minha cidade. Mas, como Presidente do Brasil, minhas primeiras palavras são de profundo agradecimento, de contentamento.

Eu também quero lhes dizer, com muita franqueza e simplicidade, que nós, aqui no Brasil, temos feito um esforço grande para colocar o nosso país, a nossa sociedade, a nossa economia em ordem e em condições de uma participação mais ativa no comércio internacional, abrindo também as nossas possibilidades para que haja investimento externo no Brasil.

Para que se tenha uma idéia desse esforço, eu posso lhes dizer que, por exemplo, as tarifas que havia e que limitavam o acesso ao mercado brasileiro tiveram uma queda de 50%, em média, ou 40 e tantos por cento, para 12%, em um período muito curto, o que provocou algumas reações e muitas dificuldades para que as empresas brasileiras pudessem se ajustar a uma situação mais competitiva. Estamos conseguindo isso. Estamos avançando. Por aí se mostra a nossa disposição de que o Brasil, hoje, se transforme num parceiro grande e importante na vida econômica internacional.

Nesse mesmo sentido, fizemos um grande esforço para conter a inflação. A inflação, neste último ano, foi bastante limitada em termos

brasileiros. Fui, como todos sabem, Ministro da Fazenda no governo do Presidente Itamar Franco. Houve momentos em que a inflação ultrapassava 20% ao mês. E chegou a 40% ao mês, no final do período pré-estabilização. Pois bem, no ano passado, a inflação – depende do índice que se utilize – nunca foi muito acima de 5, 6% e, em 98, nós queremos que essa taxa continue baixando.

Não foi fácil fazer essa operação e, ao mesmo tempo, manter, o que é essencial para nós, índices de crescimento da nossa economia compatíveis com as necessidades de um país que está em expansão populacional.

Esses índices não foram tão expressivos quanto todos nós gostaríamos, mas foram índices suficientemente fortes para manter o Brasil avançando. Em média, a nossa economia, nestes últimos quatro ou cinco anos, cresceu ao redor de 3% e 4%. Mais perto de 4 do que de 3. Na média, foi mais 3,5% ou algo assim. E a renda *per capita* subiu 2,8 nestes últimos anos, o que nem se compara com uma renda *per capita* que subia quase nada – 0,1 antes do processo estabilizador da nossa economia.

É certo que nós estamos ainda nos defrontando, como tive a oportunidade de dizer aos governadores, com um momento em que a redução da taxa de crescimento da população, que foi muito forte no Brasil, passou de 3 ou 3,5% a 1,4% hoje, não é? Ainda assim, nós temos que oferecer trabalho para aqueles que nasceram quando as taxas eram muito elevadas. Daqui para frente, a tendência será de uma diminuição proporcional da oferta da força de trabalho. O que nos abre um horizonte no sentido de que, mantendo-se taxas de crescimento razoáveis, mantendo-se o controle da economia, a estabilidade da economia, nós poderemos dar uma condição de vida cada vez melhor para a população do Brasil e poderemos, crescentemente, ampliar o mercado brasileiro.

Esse esforço tem sido feito com grande apoio da sociedade. Com compreensão, até mais do que apoio mesmo da sociedade brasileira, porque, evidentemente, num processo dessa natureza, há percalços, há dificuldades. Tivemos que nos defrontar com déficits públicos muito importantes. E eu me recordo de que, quando fui a Toronto assinar os acordos da dívida externa brasileira não com os canadenses, mas com o sistema bancário internacional, visitando o Ministro canadense, ele me

disse que, naquela altura, o Canadá também tinha um problema sério de endividamento das províncias, de déficits provinciais. E eu vi o Primeiro-Ministro da Província de Ontário, ontem mesmo, dizendo-nos que fez um grande esforço para a reorganização das finanças. Portanto, os canadenses sabem das dificuldades de fazer com que haja uma reorganização das finanças, mormente num país que é federativo, como é o Canadá e como é o Brasil. O Governador Mário Covas, que está aqui presente, é um exemplo vivo do esforço imenso que foi feito em São Paulo, que é um estado muito importante no nosso país, o mais importante em termos econômico, que conseguiu se reajustar com grande sacrifício. Alguns outros estados, vários deles, têm feito um caminho de ajustamento, e o Governo Federal também. Os déficits são decrescentes. Mas, de qualquer forma, tudo isso é um esforço que demanda a compreensão da sociedade. E essa compreensão não nos tem faltado. E não nos tem faltado, em parte porque, hoje, nós vivemos numa sociedade democrática, não apenas no sentido, importante, de que nós temos uma democracia representativa, um Congresso ativo, funcionando, com partidos, mas no sentido também mais amplo, de que nós temos uma sociedade que se organiza, protesta, demanda, exige mais, quer participar, e participa em todos os níveis. Isso vale para os sindicatos, para as igrejas, para as organizações não-governamentais, para a nossa insubstituível e queridíssima imprensa e para os meios de comunicação em geral, que têm um papel muito ativo na discussão dos problemas nacionais e, de certa maneira, fazem com que este país não possa ficar adormecido. Ele tem que avançar. E, a cada passo que dá, não nos deixa apenas satisfeitos, senão nos deixa também preocupados com os muitos outros passos que teremos que dar ainda. Esse é o clima em que nós vivemos aqui no Brasil.

Claro que, num momento como esse, de grande esforço nacional, de remodelação da nossa sociedade, mais do que nossa economia, de avanço da nossa economia, de abertura, de combate ao déficit público, estamos realizando um grande programa de privatizações, talvez o maior – e os brasileiros sempre acham que tudo que eles fazem é o maior do mundo. Pois bem, parece que esse nosso programa de privatização é

o maior do mundo. Só no setor de telecomunicações, as avaliações vão acima de 60 bilhões de dólares. No setor de petróleo, nós estamos apenas iniciando um processo de abertura. Haverá outras dezenas de bilhões de dólares. No setor energético, outras dezenas de bilhões de dólares. Isso tudo, em conjunto, vai dar mais de uma centena de bilhões de dólares. É um programa para os próximos dois, três anos, o que mostra, realmente, a necessidade que nós temos de investimentos, da vinda de capital, da expansão do nosso mercado. E tudo isso tem sido feito, no caso das privatizações, com muita transparência, com mecanismos de avaliação, com participação do Congresso, com a avaliações de todo tipo e, tanto quanto eu saiba, sem rumores sobre corrupção, o que me parece também ser muito importante no mundo como o nosso, no mundo como aquele em que vivemos.

Acredito, portanto, que os senhores se encontram, Senhor Primeiro-Ministro, Senhores Governadores, Senhores Empresários canadenses, num país que está desejoso de aumentar o intercâmbio, dentro dessas condições que eu mencionei, e sabe também que o Canadá tem imensas possibilidades. Sabe que o Canadá já participou, no passado, da vida brasileira, em termos de investimentos e que é importante voltar a ter investimentos aqui no Brasil. Começa, agora, pelas telecomunicações, em matéria de energia. Nós abrimos toda a questão da mineração, onde o Canadá tem uma vastíssima experiência.

E nós temos em comum um patrimônio, que é a agricultura, que, para nós, brasileiros, não se trata de alguma coisa que deva ser posta à margem, porque precisamos do serviço da industrialização e faz parte central da nossa concepção de desenvolvimento econômico. E a agricultura moderna é tecnologia, é *agrobusiness*, é pesquisa, é investigação, é universidade.

E nós somos complementares em matéria agrícola, o que não é uma coisa tão desprezível assim. Pelo contrário, ajuda muito, porque, esse processo de globalização – já vou terminar falando dele –, mostra dificuldade em algumas áreas. Não é o caso com o Canadá.

É certo que a nossa balança agrícola até favorece o Canadá, mas favorece o Canadá, porque nós não produzimos suficientemente trigo,

nós não produzimos cevada, nós não produzimos malte, nós não produzimos uma série de produtos que o Canadá produz. Portanto, nós podemos ser complementares.

Nós produzimos, por outro lado, café, nós produzimos soja, nós produzimos suco de laranja, nós produzimos milho, enfim, uma série de outros produtos que são produtos exportáveis. E podemos ter uma mesma visão do que venha a ser o comércio internacional.

E, hoje, quando se diz a todo instante que o mundo está globalizado, nós precisamos, realmente, avançar os passos no que diz respeito ao comércio internacional. E podemos, sobretudo, colocar questões delicadas, como o comércio das *commodities* agrícolas, como algo importante de cuja abertura nós precisamos mais. E vamos dizer com franqueza: o mercado europeu continua muito fechado. Se nós quisermos pensar em liberalização, esta não pode ser unilateral. Não se podem abrir os nossos mercados e deixar outros mercados fechados, sem se dar acesso a esses outros mercados.

O Canadá e o Brasil podem ser parceiros nessa discussão. O Canadá e o Brasil, juntos com o Mercosul, podemos ser parceiros em avançar, no nosso hemisfério, em uma série de acordos importantes. E quantas vezes conversei com o Primeiro-Ministro Jean Chrétien sobre essa matéria, sobre a minha disposição, sobre a nossa disposição de, com o Canadá, avançarmos no caminho.

Teremos, em abril, uma discussão muito importante, no Chile, na Cúpula das Américas. Temos que tomar posições claras sobre o que vai acontecer com o mercado comum americano, com o conjunto do nosso hemisfério. Temos preocupações com a falta de *fast-track* nos Estados Unidos, mas temos confiança de que podemos avançar, desde que tenhamos a serenidade e a integridade de discutir, realmente, os pontos que interessam a cada país e não seja um avanço que interesse só a um país ou a dois países, em detrimento dos outros, senão seja alguma coisa realmente compartilhada. E o Canadá tem esse mesmo espírito que o Brasil, não tem?

E as eventuais dificuldades, que temos já e que teremos no futuro – e quanto mais as tivermos mais significado terá para o nosso crescimento

e as nossas inter-relações –, serão dificuldades entre empresas e não entre governos. Não serão orientações, mas serão desajustes, como existem, normalmente, num mundo que se amplia e que se globaliza.

É com esse espírito que eu os recebo e com uma preocupação, que eu tenho certeza de que é compartilhada pelo Primeiro-Ministro Jean Chrétien: na nossa primeira conversa – eu agradeço o fato de o Primeiro-Ministro ter sido o primeiro Chefe de Estado estrangeiro que me visitou, depois de ser Presidente – o tema dos fluxos financeiros foi levantado, já naquela época, em 95, porque o Canadá já sabia o que isso significava. Eu não tenho perdido a oportunidade, e o Primeiro-Ministro, tampouco, de chamar a atenção para a necessidade de que se entenda que estamos diante de fenômenos novos, que não dizem respeito apenas à abertura comercial, não dizem respeito apenas ao entrecruzamento dos sistemas produtivos que se globalizaram, não dizem respeito apenas ao fato de que os investimentos estão se multiplicando.

Só para lhes dar o número de investimentos, o Brasil, antes da estabilização, recebia 1 bilhão de dólares por ano. No ano passado, recebeu 16 bilhões de investimento direto. E, neste ano, nós esperamos, pelo menos, 20 bilhões de investimento direto. É um novo panorama. Mas, nesse novo panorama, existe um outro fenômeno, que não é sequer o da internacionalização do sistema bancário e do financiamento bancário, mas é o dos capitais voláteis, que produzem, vez por outra, preocupações e, às vezes, até catástrofes, como esta última, na Ásia, e que batem de raspão em países cuja economia está em perfeito estado, como foi o caso do Canadá, que, há alguns anos, sofreu conseqüências de uma volatilidade dessas, e como foi o caso do Brasil, no ano passado, que, no melhor momento do seu crescimento econômico, sofreu também as conseqüências dessa volatilidade.

Temos que conversar – e estamos conversando – em conjunto sobre essa matéria. Não é fácil saber os rumos a serem tomados, mas é necessário que os responsáveis políticos pelos países tenham a condição de tomar esses rumos.

Há, portanto, uma agenda enorme de cooperação, uma agenda que vamos enfrentar com muita galhardia, porque estamos confiantes nos nossos países.

Brasil e Canadá são, hoje, dois países confiantes, de grandes territórios, de muitos imigrantes. Países de liberdade. Países que têm recursos naturais para exploração, que têm preocupação com a preservação do meio ambiente, que sabem que o mundo moderno não pode conviver com formas selvagens de exploração dos recursos naturais, que têm preocupações sinceríssimas com a democracia e que podem fazer muito em conjunto.

É a partir disso que eu vim a São Paulo especialmente para trazer essa mensagem de otimismo, de boa-fé, de convite à permanente cooperação e de certeza de que essa cooperação, quando está enraizada na sociedade, através dos seus empresários, dos seus sindicatos, das suas organizações civis, é que ela floresce. E nós, aqui, o que podemos fazer é dar as bênçãos a essa cooperação que já está florescendo.